

Memórias de uma infância que não tem lugar: Corpos, subjetividades e masculinidades

Lucas de Bárbara Wendt*

Quando eu era criança, eu pensava que o vento tocava o meu corpo e, em alguns momentos, permitia-me dançar com ele. Até que eu cresci e percebi que esse ar não era para todos, esse vento que me acariciava e ouriçava os pelos dos meus braços não poderia ser o ar que enchia alguns pulmões. Lembro-me de jogar travesseiros no chão e imaginar que esses travesseiros eram pequenas rochas e ao redor dessas rochas existia um enorme rio. Até que eu cresci e percebi que essas rochas não eram para todo mundo, essas rochas que me permitiam ficar acima da linha d'água não existiam para outras pessoas.

Dizem que o sol é para todos, mas, quando eu cresci, eu percebi que, novamente, o sol era só para alguns. Quando penso na minha infância e lembro o sol, lembro quando me deitava no chão de casa e olhava para o céu, a luz do sol penetrava diretamente na minha íris e se eu quisesse ver os fragmentos do sol e os raios, eu só precisava deixar os olhos entreabertos.

O que eu quero dizer com tudo isso é que, existem existências que subvertem, que estão nas bordas, enquanto outras estão no centro. Não me leve a mal, isso não é uma crítica, todos deveríamos estar no centro, mas nem todos estão. Existe uma linha, que separa o desejável do indesejável, do ideal e do não ideal, do certo e do errado e esse dualismo é como uma faca que vem de encontro ao meu peito.

Uma das memórias de infância mais duras que posso recordar é de quando estava indo a pé para a escola, ao meu lado, ia minha irmã e, do outro, uma amiga, lembro que à minha frente tinha um homem, que era meu vizinho, atualmente ele é assumido como homem gay, mas, naquela época, eu não sabia, e talvez nem ele soubesse, lembro-me dele andar rebolando e todos ao seu redor rindo e fazendo piadas de seus trejeitos, eu sentia-me muito mal, porque, no fundo, eles estavam rindo



* Graduando em Pedagogia pela Universidade Federal de Santa Maria. Centro de Educação. Rio Grande do Sul. Todas as imagens contidas no texto são desenhos artísticos do escritor.
E-mail: luck.wendt@gmail.com

de alguém que era exatamente como eu. Recordo que, naquele dia, eu passei o dia todo tentando não mexer o quadril e não rebolar, ou fazer qualquer movimento que fosse suspeito, afinal, eu não queria ser descoberto. Isso foi algo que me traumatizou por muito tempo, durante anos, fiquei vigilando meu quadril e fazendo o máximo que eu podia para não me movimentar muito, pois isso era associado ao feminino e eu não queria ser alvo de piadas.

Todos os traumas de infância fazem-me pensar, hoje em dia, que eu não sou digno de coisas boas, que eu não mereço ocupar o lugar que estou ocupando, eu fiquei muito tempo tomado pela escuridão, no limbo, que esqueci como é estar na superfície, e eu luto para permanecer aqui em cima, onde o ar não é tão denso e eu posso ser ouvido. Fico pensando em quantas crianças *queer* sentem-se assim.

Quando olho através da vidraça buscando o fora, eu não vejo nada, somente me deparo com o meu reflexo no vidro da janela e, ao olhar-me, navego novamente na minha existência, na minha trajetória, e penso, a partir disso, sobre como o meu corpo e minha existência subvertem. Na minha infância, eu era uma criança considerada “afeminada” ou como chamam, uma criança “viada”, ou seja, eu tinha trejeitos e comportamentos que eram ditos femininos. Antes de entrar afundo sobre meu afeminamento, penso que, mesmo não sendo do sexo feminino, eu era tido como inferior, apesar de ter o privilégio de estar num corpo masculino, minha performance de gênero entregava-me e tirava-me do centro.

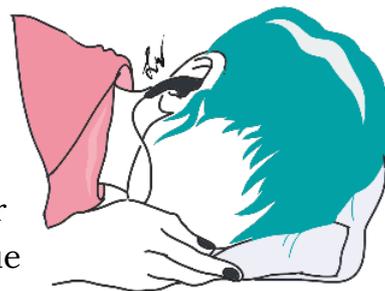


Eu gostaria de dizer que colocar a toalha de banho na cabeça e fingir que era um cabelo longo, que usar os saltos da minha mãe e desfilarmos pela casa, maquiarmos com as maquiagens da minha irmã, fizeram valer a pena todos os anos de olhares tortos que eu sofri, mesmo sendo apenas um menino, querendo brincar e imaginar. Eu era apenas uma criança, como qualquer outra, que ficava na porta esperando pelos pais chegarem, a criança que adorava sentir a terra molhada ir ao encontro à minha pele, de encher baldes de areia e construir castelos.

Sabe, vou te contar uma coisa, quando eu era criança, eu tinha muito medo de escuro, um medo que estremecia o meu corpo, deixava-me paralisado e com o peito apertado. Atualmente, esse medo ainda existe em mim, mas não da mesma forma que antes, por exemplo, antes eu tinha medo de bicho papão, espíritos e coisas do mal, mas, agora, eu só tenho medo de permanecer na escuridão e nunca poder sentir o sol e a luz tocarem o meu corpo. Eu e outras minorias estamos na escuridão, estamos na sujeira e na margem e eu não quero mais pertencer a esse lugar.

Com o passar do tempo, percebi que o meu quarto era o único lugar que eu poderia ocupar, assim como mulheres, negros, LGBTQIA+ e outras minorias que não tinham voz e ficavam isolados. Historicamente, esses corpos não são validados, ocupam sempre um espaço menor e inferior, e você precisa saber, nós crescemos muito e não cabemos mais em pequenos espaços. Veja, eu cresci tanto, que não caibo mais no meu quarto, o ar é sufocante, meu corpo dói, eu não quero mais estar em um espaço que não me cabe, por isso, foi necessário criar espaços que me coubessem. Esses espaços, que agora eu caibo, foram espaços de muita resistência, e não existe uma palavra para definir o sangue que foi derramado para eu poder existir, desde o direito ao voto, ao fim da escravidão (que não é o fim do preconceito) e as lutas por direitos, o casamento homoafetivo e até mesmo algo atual, que é o direito à doação de sangue pelos LGBTQIA+.

Quando eu entendi, ainda na minha infância, que ser um menino afeminado iria me trazer muita dor, eu tentei, de verdade, encaixar-me nos padrões impostos. O tal padrão heteronormativo. Na escola, eu ficava com os meninos, eu precisava objetificar mulheres e falar sobre futebol, eu não queria ser descoberto, ainda não estava pronto para sair da escuridão, que me tomava por completo. Foram anos de existência que me machucavam e faziam com que o meu corpo ficasse mais frágil, à medida que eu precisava encaixar-me para poder ser visto como normal. O menino que pisava sobre as rochas, que sentia o sol aquecendo o corpo e podia encher os pulmões de ar e dançar com o vento tornou-se pó.



Fique você ciente de que a escola e a cultura escolar, bem como a sociedade, contribuem para produção de corpos. Alguns deles acabam sendo invisibilizados, mas caso você seja homem, branco, heterossexual, fica tranquilo, você tem todos os olhares para você, mas você quem decide se isso é bom ou ruim. Eu também tenho todos esses olhares sobre mim, mas é para apontar o dedo e ser julgado. Aliás, não é só o meu corpo que é carcaça de intolerância e pré-conceitos.

Na bíblia, as mulheres tinham, como punição, o apedrejamento e eu sei que até os dias atuais é difícil de acreditar que as mulheres nasceram da costela de um homem, este que falava com cobras e que oferecia maçãs. Então, não se sinta só, desde o mito da criação, a partir das orientações religiosas que datam de mais de dois mil anos no jardim de Éden, alguns corpos são privilegiados e outros apedrejados.

“De um modo ou de outro, esses sujeitos escapam da via planejada. Extraviam-se. Põem-se à deriva. Podem encontrar nova posição, outro lugar para se alojar ou se

mover ainda outra vez” (LOURO, 2013, p. 19). Na medida em que esses sujeitos põem-se à deriva, assumem uma posição de descentralização, visto que buscam o direito por ser e existir, mas essa posição de descentralização coloca-os à margem, à margem da sociedade e de si mesmos, seus corpos e existências são atravessados por pré-conceitos e pela carência de aceitação e afeto.

Gostaria de poder voltar no tempo e segurar a minha própria mão, a mão daquele menino afeminado, que tanto era apedrejado, que silenciava o seu lado feminino, que deixava o seu corpo contido, queria dizer-lhe que está tudo bem ser assim, que não tem problema gostar de coisas tido como “femininas”, está tudo bem ser mais sensível, isso não o torna inferior. E acho que nós, e quando digo nós, refiro-me a todos(as) aqueles(as) que não estão no centro, devemos fazer isso, obviamente é impossível construir uma máquina do tempo, mas podemos permitir-nos perdoar-nos.

Nesse contexto, ainda existe a cultura de separar brinquedos e brincadeiras por gênero, portanto, é necessário refletir o quão prejudicial essa construção sociocultural afeta a vida daqueles(as) que são abjetos a essas normas. Apesar da insistência dessa segregação, é importante destacar que o brincar é livre.

Diante destas constatações, é urgente entender o fato de que esses artefatos culturais, como os jogos, os brinquedos, os desenhos animados, os livros e entre outros marcadores sociais ligados ao lúdico, merecem uma análise política, pois são re(produtores) e veiculadores de representações de masculinidade e feminilidade (WENDT, 2020a, p. 22-23).

A partir do momento em que entendemos que essas separações de gênero servem para segregar meninos e meninas, iremos crescer enquanto sociedade. Outra questão importante nisso é quando os corpos entram nessa jogada segregatória, pois cabe analisar o quanto meninos que brincam com objetos tidos como “femininos” e meninas que brincam com objetos tidos como “masculinos” são vistos como homossexuais, muito antes deles sequer saberem o significado dessa palavra. A insistência de certos contextos socioculturais de produzir corpos comportados e “normais” faz com que essas crianças cresçam achando que seus corpos e existências são inadequados ao mundo. É preciso abandonar qualquer suposto de um sujeito unificado (LOURO, 2013), pois não deveria existir um corpo universal, todos os corpos deveriam ser universais, basta você sentir-se bem nele.

Apátrida: O corpo que virou casa

Segundo o dicionário, um apátrida é o “[...] indivíduo que não é titular de qualquer nacionalidade” (DICIO, 2020, s./p.), ou seja, é uma pessoa que não é considerado nacional pelo Estado, dessa forma, sendo banida dele. Por muito, muito tempo, questionei-me se o corpo que eu fabriquei era aceito em algum lugar, o corpo que era considerado mais ‘feminino’ do que ‘masculino’, um corpo sensível, afetuoso, gentil e delicado. Um corpo que gritava compaixão e abandono, então entendi: meu corpo era apátrida: ele não era considerado nacional, tampouco era considerado...



Hoje, como antes, a determinação dos lugares sociais ou das posições dos sujeitos no interior de um grupo é referida a seus corpos. Ao longo dos tempos, los sujeitos vêm sendo indiciados, classificados, ordenados, hierarquizados e definidos pela aparência de seus corpos; a partir dos padrões e referências, das normas, valores e ideais da cultura (LOURO, 2013, p. 77).

Depois de perceber que o meu corpo passava por um processo de banimento, ‘apátrida’, passei a observar o quanto os corpos não binários são vistos como “aberrações” e são exilados da naturalidade humana, Guacira Louro potencializa esse conceito, ao destacar que: “O exilado, por sua vez, é obrigado a se separar, radicalmente, do lugar de origem e a ele não pode retornar” (LOURO, 2013, p. 21), como discutido no texto, esses sujeitos são obrigados a extraviar-se, a procurarem um lugar em que caibam e, quando decidem partir, não poderão retornar. Esses sujeitos, que são exilados, abandonam suas casas. Imagino que algumas pessoas na margem também são exiladas. A minha casa era eu mesmo. Eu tinha-me como casa, até não ter mais, devido a vários momentos de intolerância que tive que enfrentar na minha infância, as memórias fragmentadas de quando eu era um pequeno menino não me permitem esquecer desses momentos difíceis. Não foi fácil ser órfão quando criança. Eu era minha cidade natal, agora, adulto, tento retornar a mim mesmo.

Os corpos que resistem

As luzes da cidade se apagaram e eu sangrei
Sangrei pela Mãe Loira e Dandara
Chorei, sangrei e morri por outros iguais a mim
É difícil dizer quantas vezes eu morri
Eu morri todas as vezes em que fui imposto a um padrão
Eu morri todas as vezes em que eu gastei meu tênis no chão
Correndo de mim mesmo
Eu morri quando silenciei a vida que gritava dentro de mim
Querendo se libertar, querendo apenas ser
Ser eu mesmo, sem medo
Eu morri e provavelmente daqui 23 horas vou morrer de novo no Brasil

Eu liguei a tv, e dela o sangue se derramou sobre o chão da minha sala
Mais algumas manchetes sobre feminicídio e violência doméstica
Mas afinal, a quem esses corpos pertencem?
Esses corpos pertencem as vítimas
Meninas, se cubram, se escondam, corram
Porque daqui 7 minutos vocês correm o risco de serem estupradas
Meninas, fiquem em silêncio, porque ninguém quis acreditar em vocês
E eu sei que é difícil ouvir isso
Agora nossos corações pesam

Alguns corpos resistem, outros não
Mas não se trata de resistir, se trata de viver
Eu já morri tantas vezes, que nem sei como ainda estou aqui

Se você está lendo ou ouvindo isso agora, provavelmente você já morreu algumas vezes também
Mas tudo bem, amanhã a gente nasce de novo.
Autor: Lucas de Bárbara Wendt (2020b).

Conclusão

As memórias de uma criança afeminada expostas neste texto ajudam-me a pensar e repensar as normas hegemônicas, que, desde os primórdios, excluem aquelas masculinidades que desviam dos padrões. Além disso, que possam (re)conhecer os corpos e os gêneros “desviantes”, atribuindo a esses sujeitos uma legitimidade que sempre lhes foi negada. É preciso reinventar e subverter esses padrões lineares e centralizados, para que todas as crianças “veadas”, sendo elas parte da comunidade LGBTQIA+ ou não, deixem de serem tidas como “anormal”. Dedico esta escrita para todos os Lucas que estão por aí, lutando para a desconstrução de uma sociedade pautada na cis-hétero-normatividade e na banalização das violências de gênero.

Referências

APÁTRIDA. In: DICIO, **Dicionário Online de Português**. Porto: 7Graus, 2020. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/apatrida>. Acesso em: 27 jun. 2021.

LOURO, G. L. **Um corpo estranho**: ensaios sobre sexualidade e teoria queer. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

WENDT, L. de B. Corpos Inadequados? Gênero e a (In)visibilidade Queer no Contexto Escolar. In: MACHADO, G. E.; FOLMER, I.; GOERCH, A. B. (Org.). **Diversidade Sexual e gênero**: perspectivas e debates no séc. XXI. 1. ed. Santa Maria: Arco Editores, 2020a. p. 13-26.

WENDT, L. de B. Os corpos que resistem. **Revista Prisma LGBT**, Santa Maria, 3ª edição, n. 1, p. 8-10, dez. 2020b.